

Por uma ética etológica em Gilles Deleuze

Alan Rodrigo Padilha
alan.padilha@ifpr.edu.br
Instituto Federal do Paraná/Brasil

Ester Maria Dreher Heuser
esterheu@hotmail.com
Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Brasil

Resumo:

O mundo animal pode dar pistas para a constituição de uma perspectiva ética? Este artigo se ocupa de mostrar que sim, que a atenção diferenciada dada aos signos animais pelo zoólogo Jakob von Uexküll, a qual possibilitou a criação da complexa noção de *Umwelt*, contribuiu, sobremaneira, para a produção de uma ética que conjuga ontologia e etologia, daí designada «ética etológica». Trata-se da elaboração ética de Gilles Deleuze que fez uma aposta estratégica no animal para traçar uma perspectiva imanente em que o mundo dos animais e o mundo dos homens se constitui em um plano comum, conforme relações de velocidade e lentidão, de acordo com os poderes de afetar e ser afetado, a exemplo do mundo próprio do carrapato, com sua maneira peculiar de viver.

Palavras-Chave: ética; etologia; animais; homens; Uexküll.

Ética e Etologia

A etimologia da palavra “ética” (*héxis*, *éthos*, *êthos*) nos aponta caminhos para pensar a relação entre ética e etologia. Inicialmente, significava residência, morada, local onde se habita; na poesia grega, ou seja, antes mesmo da invenção da filosofia, era usada para referir-se aos animais, em alusão aos lugares de encontro, criação, pastos e guaridas. Somente depois se aplicou aos povos e aos homens, para, então, ser um termo usado relativamente ao “lugar” que o homem porta em si mesmo, sua atitude interior, seu modo de ser ou forma de vida que vai constituindo o seu caráter (Cf. Aranguren, 1986). Ou seja, primeiro, a ética designou o conjunto de condições naturais e biológicas e, segundo, o conjunto de regulações sociais, produção histórica e cultural do indivíduo ou de uma sociedade. Em filosofia, é comum tratar da ética como um campo de pensamento que se refere ao que é estritamente humano; no entanto, com o advento da Etologia como ciência, no século XX, filósofos contemporâneos dessa nova ciência foram sensíveis aos estudos comparados do comportamento animal e trouxeram, para o interior de suas filosofias, elementos etológicos a fim de determinar seus problemas e criar conceitos. Para nós, importa, sobretudo, apresentar traços daquilo que nomeamos uma «ética etológica», produzida por Deleuze, quando o filósofo realiza um movimento de aproximação com a noção de *héxis*, fazendo ecoar, em termos filosóficos, o pensamento de Jakob von Uexküll¹. A perspectiva etológica deleuziana é *sui generis*, bastante diversa da

¹Jakob von Uexküll (1864-1944) é um dos fundadores da moderna pesquisa do comportamento (etologia), que foi posteriormente definida e desenvolvida por Konrad Lorenz e Niko Tinbergen mais como uma ciência da fisiologia comportamental. No Brasil, em 2004, a *Revista Galáxia* publicou a tradução do artigo «A teoria da *Umwelt* de Jakob von Uexküll», produzido pelo filho de Jakob von Uexküll, Thure von Uexküll, no qual apresenta «os subconceitos nevrálgicos que se articulam organicamente para formar o superconceito da *Umwelt*» (Uexküll, 2004, p. 19).

etologia clássica, a qual, em verdade, se desenvolveu posteriormente aos estudos de Uexküll.

A etologia clássica compreende o comportamento animal do ponto de vista de uma fisiologia descritiva, que mensura as ações animais segundo um padrão estritamente biológico, fisiológico ou genético, tal como a concepção etológica de Konrad Lorenz que tem por base as metodologias específicas da biologia, a saber, a homologia e a taxonomia, que se referem à classificação dos seres vivos e ao desenvolvimento dos órgãos e às suas funções. Para a etologia clássica, o que importa são as sequências de movimentos e características de espécies, gêneros e outras unidades taxonômicas, além das características morfológicas e filogenéticas usadas na anatomia comparativa. A etologia tradicional orienta-se pela tese de Georges Cuvier, que pensa a vida em gêneros, espécies, formas sensíveis, órgãos, posição de órgãos e função orgânica. Investiga a partir de um método em que se podem considerar apenas poucos aspectos de observação dos animais, estruturas que coincidam, elementos anatômicos, formas e funções.

Jakob von Uexküll, por seu turno, descreve as relações entre os animais e o ambiente circundante como um elemento processual de conhecimento entendido como biossemiótico², ao qual denominou «ciclo-de-função». Esse ciclo tem características dinâmicas e sistemáticas; assim, «cada ser vivo é um sujeito que vive num mundo particular, em que ele constitui o centro e, por isso, pode comparar-se não a uma máquina, mas apenas ao maquinista que maneja a máquina». Essa é uma interpretação biológica avessa àquela que faz a fisiologia, para quem cada animal é uma máquina, um objeto examinado pelo fisiólogo «como um técnico examinaria uma máquina que seja nova para ele» (Uexküll, 1982, p. 31). O fisiólogo olha para determinada “máquina” e examina os órgãos e o seu funcionamento total, não discernindo ali qualquer “maquinista”.

² Na perspectiva biossemiótica, que é, propriamente, uma teoria da tradução, os observadores humanos devem cuidar para não ceder a antropomorfismos; nela, é motivo de preocupação a questão de como o observador humano (com seu sistema signico inescapavelmente antropossemiótico) pode reconhecer, decodificar e representar processos signicos dos seres vivos que observa, sem distorcê-los, o que é um problema de tradução (Cf. Uexküll, 2004, p. 37).

Para Uexküll, cada célula viva é um maquinista que percebe e atua. Segundo ele, as múltiplas percepções e ações de um «sujeito-animal total» são «atribuíveis ao trabalho de um conjunto de pequenos maquinistas celulares» (1982, p. 34). Tais percepções e ações constituem um «mundo próprio», chamado por Uexküll de *Umwelt*. Muito mais do que ambiente, ou meio ambiente, ou, então, mundo ambiente, no sentido empregado por Uexküll, *Umwelt*, em português, de acordo com a nota dos tradutores da obra *Dos animais e dos homens*, de Uexküll, «significa qualquer coisa que depende do ser vivo considerado, e resulta de uma seleção por este realizada, dentre todos os elementos do ambiente, em virtude da sua própria estrutura específica – o seu mundo próprio» (In: Uexküll, 1982, p. 24). Thure Uexküll, ao traduzir seu texto acerca da teoria do pai para o inglês, verteu *Umwelt* para *Self-world*. Tal solução permitiu traduzir para o português por «automundo», o que sugere implicar uma «construção programática interna específica de cada espécie de intérprete acerca do que subjetivamente ‘merece’ ser percebido daquele ambiente externo, segundo as disposições e interesses comportamentais da espécie» (2004, p. 24, nota 4, do tradutor).

De acordo com o biólogo, zoólogo e antropólogo Adolf Portmann (apud Uexküll, 1982, p. 16), Uexküll recusou a perspectiva de humanização dos animais que estava em voga na sua época e, quase de maneira mecanicista, estudou a harmonia entre a estrutura e o comportamento, o que, em suas conclusões, determinava a gênese do mundo próprio e do comportamento dos animais. Em seus estudos, Uexküll assumiu a posição que reconhece a particularidade da esfera da vida e a autonomia relativa do ser vivo. Isso o levou a conceber os animais como sujeitos, mas, sem antropomorfizá-los, uma vez que utilizam instrumentos – tais como os órgãos dos sentidos e de movimentos – com os quais assinalam ou percebem e atuam (Cf. Uexküll, 1982, p. 24).

Enquanto sujeitos, a atividade essencial, tanto dos animais quanto dos homens, é assinalar e atuar. Somente a partir dessa compreensão é que se poderá adentrar em um mundo próprio, pois «tudo aquilo que um sujeito assinala passa a ser o seu mundo de percepção, e o que ele realiza, o seu mundo de ação»,

ambos constituindo «uma unidade íntegra – o mundo próprio do sujeito» (Uexküll, 1982, p. 25). Para Uexküll, há tantos mundos-próprios quantos são os animais e os homens. Tal mundo é comparado a uma bolha de sabão preenchida pelos sinais característicos acessíveis, exclusivamente, àquele determinado sujeito. Para conhecer um mundo próprio, é preciso nele entrar e perceber suas singularidades, pois, desse ponto de vista, o mundo que está no entorno tem suas qualidades modificadas, algumas «desaparecem inteiramente, outras perdem as suas propriedades gerais; surgem novas correlações. Em cada bolha de sabão passa a existir um mundo novo» (1982, p. 26).

A herança principal deixada por Uexküll para os estudos posteriores em biologia, segundo Portmann, foi justamente a perspectiva da «autonomia do ser vivo pela verificação mais intensa de todas as provas que apresentam o organismo como centro especial de atividade e simultaneamente de um viver que [...] é aparentado com o que conhecemos no nosso próprio ser mais íntimo» (apud Uexküll, 1982, p. 16-17). Uexküll, assim, lançou-se «para o desconhecido» ao conceber que entre os animais há a presença de subjetividade.³ Tal presença, contudo, não é afirmada por um suposto agente que interviria em toda parte como um «agente misterioso». Ela é, antes, uma incógnita a ser abordada pelo estudo de suas manifestações. Portmann destaca «o trabalho insano» de Uexküll, o qual concluiu que a vida dos animais e dos homens se define pelo «entrelaçamento intrínseco do ser vivo com partes de seu ambiente», contribuindo, assim, para eliminar o que ele chama de «um grave inconveniente», a

³ A ideia uexkülliana de uma realidade subjetiva é baseada, principalmente, na fisiologia e na biologia. Foi estudando a constituição dos organismos a partir dos germes protoplasmáticos que Uexküll descobriu que não só os seres humanos são determinados pela sua estrutura (*a priori* kantiano) para interpretar e dar sentido ao mundo circundante, mas ocorre o mesmo em cada espécie e corpo vivo. Importante ressaltar que Uexküll não se restringe a pensar a subjetividade entre indivíduos da mesma espécie, mas na subjetividade típica de cada espécie, essa é particularmente a novidade que encontramos em seu pensamento. Uexküll não só enfatiza o interior (o *Innenwelt*) de indivíduos da mesma espécie, mas também o vínculo entre o indivíduo e a relação da espécie e seu mundo circundante, daí o círculo funcional (Cf. Cassirer, 2007, p. 46-47). É precisamente contra a concepção mecanicista, antropocêntrica e antroposemiótica do mundo que Uexküll, inspirado pelo pensamento de Kant, volta para o centro de sua epistemologia o sujeito e a relação que este estabelece com o seu mundo circundante.

saber, a superação da distinção entre corpo e alma como substâncias distintas que, juntas, constituiriam o ser vivo (apud Uexküll, 1982, p. 18-19).

A abordagem teórica de Uexküll nos oferece um nível de sentido existencial que está ausente na visão mecanicista, pois o mundo natural passa a ser pensado como a justaposição do mundo ambiente de cada animal. Uexküll não interpreta o animal como um autômato mecânico, meramente reativo e responsivo a uma série de leis físicas, mas como um complexo sistema de percepções e ações sobre uma determinada área do mundo, em suma, um sujeito interpretante e atuante. Deleuze ajuda a compreender isso com o exemplo de um animal qualquer que, frente à imensidão da natureza, quase tudo lhe é indiferente; há, contudo, alguns signos aos quais reage, positiva ou negativamente. A eles um etólogo se volta e questiona: «quais são os seus alimentos, quais são os seus venenos, o que ele ‘pega’ no seu mundo?» (2002, p. 130). As respostas, só elaboradas após demorada experimentação e prudência, é que permitirão dizer o que esse animal é, e o mesmo se poderia aplicar a um humano. Ou seja, só é possível dizer o que é uma coisa a partir das suas relações com o mundo e conforme as circunstâncias, os poderes de ser afetado. Uma imagem que torna isso inteligível é o exemplo do mundo próprio do carrapato, composto de exatamente três afetos, conforme o próprio Uexküll descreve no início de sua obra *Dos animais e dos homens* (1982, p. 30-31).

O carrapato permanece inerte debaixo da ponta de um galho, no mato. Sua posição permite-lhe despencar sobre um mamífero transeunte. Não há estímulo de todo o ambiente que ele possa receber. Então se aproxima o mamífero de cujo sangue ele precisa (como alimento) para gerar sua progênie. E agora algo verdadeiramente estupendo acontece: de todos os fatores estimulantes produzidos pelo corpo mamífero apenas três — em uma sequência específica — se tornam estímulos. Fora do mundo superproporcional, o carrapato é circundado por três brilhos estimuladores (signos perceptivos) como sinais luminosos no escuro e servem a ele como faróis que infalivelmente o dirigem rumo à sua vítima.

Com apenas três receptores capazes de captar não mais que três signos perceptivos, dentre os inúmeros signos emitidos pelo mamífero e pelo ambiente,

o carrapato é potente naquilo que pode. Segundo um código inato, «interpreta as mudanças físicas, químicas e térmicas de seus receptores como signos» e «descreve um processo integrado e coerente, um processo sígnico», constituinto o seu mundo próprio (Uexküll, 2004, p. 27). Apesar dos sentidos da visão e da audição nele estarem ausentes, nada lhe falta para a constituição de seu *Umwelt*: odor, tato e calor completam-no.

O que o estudo do mundo próprio de um animal «insignificante»⁴ pode acrescentar para uma tematização ética? Consideramos que Deleuze fez do animal uma aposta estratégica: foi ele que deu condições ao filósofo para operacionalizar um corte na tradicional divisão entre forma e matéria, espírito e corpo, humanidade e animalidade, criando, assim, uma ampla semiótica, não restrita aos regimes de signos humanos. O animal, tal como apresentado por Uexküll, serviu de suporte teórico para Deleuze considerar a substituição de uma visão antropocêntrica por uma etologia⁵, o que deixa tudo mais complexo. Assim, essência humana, oposições binárias, identidades, normas externas, regras morais, códigos, juízos, etc. já não cabem mais, ou não são suficientes, para tratar das maneiras de viver, de modos de vida de um ponto de vista ético etológico.

Dos animais e dos homens

A concepção de mundo próprio (*Umwelt*) de Uexküll afetou a muitos outros filósofos⁶, além de Deleuze. Nos parece interessante trazer a perspectiva de Heidegger, a respeito dos animais e dos homens, assumidamente influenciada pelo etólogo – cujas discussões, que partem de estudos concretos, não de laboratórios, deveriam ser apropriadas pela filosofia, sobretudo a estrutura relacional

⁴ Mas, repugnante, às vezes letal, quando o seu mamífero de estimação passa a ser o hospedeiro do carrapato, que muito rapidamente espalha sua prole. Quem já viu uma infestação de carrapatos sabe do que se trata.

⁵ Uexküll também contribuiu para Deleuze problematizar as distinções entre ética e moral e afirmar que a perspectiva ética de Spinoza é uma etologia: «a Ética de Espinosa não tem nada a ver com uma moral, ele a concebe como uma etologia» (2002, p. 130).

⁶ O canadense Brett Buchanan (2008) refere vários outros filósofos, além de Deleuze, também influenciados por Uexküll, a saber: Merleau-Ponty, Husserl, Heidegger, Cassirer, Gadamer, Ortega y Gasset, Lacan, Derrida, Canguillhem e Agambem.

existente entre organismo e meio (Cf. Heidegger, 2003, p. 301) – e colocá-la ao lado da de Deleuze, a fim de evidenciar, sobretudo, as características próprias de sua ética etológica.

No *Abecedário de Gilles Deleuze*, em «'A' de animal», o filósofo expressa seu fascínio pelo fato de todo e qualquer animal ter um mundo próprio:

Se tento me dizer, vagamente, o que me toca em um animal, a primeira coisa é que todo animal tem um mundo. É curioso, pois muita gente, muitos humanos não têm mundo. Vivem a vida de todo mundo, ou seja, de qualquer um, de qualquer coisa, os animais têm mundos. Um mundo animal, às vezes, é extraordinariamente restrito e é isso que emociona. Os animais reagem a muito pouca coisa. Há toda espécie de coisas... Essa história, esse primeiro traço do animal é a existência de mundos animais específicos, particulares, e talvez seja a pobreza desses mundos, a redução, o caráter reduzido desses mundos que me impressiona muito (2001).

Nos parece que, além de Uexküll, a declaração de Deleuze tem Heidegger em perspectiva, naquilo que o alemão afirma em vista da relação do *Umwelt*. «A pedra não tem mundo, o animal é pobre em mundo e o ser humano é formador de mundo» (Heidegger, 2003, p. 205). Inicialmente o que nessa afirmação sugere ser um mundo restrito, pobre, mas, ainda assim, um mundo, se deve ao fato de os animais serem cativos, vivendo em perturbação provocada por elementos desinibidores das pulsões de suas aptidões, se comportando apenas, segundo sua essência, sem atuar nem ultrapassar-se, em um ambiente próprio, sendo incapazes de «se comportar em um mundo» (2003, p. 274); entretanto, em algumas páginas, o animal perde aquilo que dava a impressão de ter: um mundo pobre. Perde porque «ser pobre significa: ser privado» (2003, p. 226); ou, ainda, com maior precisão: «Se pobreza significa privação, então a tese 'o animal é pobre de mundo' diz tanto quanto 'o animal é privado de mundo', 'o animal não possui nenhum mundo'» (2003, p. 227). Isso porque ele está impossibilitado de «perceber algo enquanto algo, algo enquanto ente» (2003, p. 302).

Em outras palavras: mesmo que o ente esteja aberto ao animal ele não lhe é acessível, pois trata-se de uma abertura sem desvelamento, uma vez que o animal é incapaz de compreender algo como algo e expressá-lo, ele está

privado, sem mundo. O exemplo do lagarto ilustra essa perspectiva: «a rocha sobre a qual o lagarto se deita não está dada enquanto rocha para o lagarto, [também] o sol sob o qual o lagarto se deita não está dado em verdade para ele enquanto sol» (2003, p. 229). Já ao homem cabe, por sua condição humana de habitante da linguagem – «a casa do ser» (Heidegger, 2005, p. 38) –, estar no mundo – a «clareira do Ser» (2005, p. 64) – e, assim, perceber algo enquanto ente e expressá-lo, comunicá-lo, daí formar mundo.

Desse modo, Heidegger, mesmo tendo o etólogo Uexküll em perspectiva, estabelece um abismo entre animais e homens: «os animais, assim, como as plantas, estão mergulhados em seu ambiente próprio, mas nunca estão inseridos livremente na clareira do ser – e só esta clareira é ‘Mundo’ –, por isso, falta-lhes a linguagem» (Heidegger, 2005, p. 27-28). Nesses termos, não caberia sequer afirmar uma relação de superioridade e inferioridade entre homem e animal, uma vez que Heidegger sugere uma cisão radical entre um e outro, uma diferença ontológica, o que implica uma diferenciação modal, a determinação das especificidades de um modo de ser. Ao alemão importa o modo de ser do homem, do *Dasein*, o que nos permite pensar que se trata de uma aposta antropocêntrica e restrita à realização subjetivista e antropossemioticamente linguageira do mundo, circunscrita à consciência, à racionalidade e à linguagem humana. Por seu turno, o que fascina Deleuze é justamente a seletividade sígnica dos animais, a qual, necessariamente, constitui mundos, alguns em forma de territórios que se aproximam da arte:

Os animais de território são prodigiosos, porque constituir um território, para mim, é quase o nascimento da arte [...]. Cor, canto, postura, são as três determinações da arte, quero dizer, a cor, as linhas, as posturas animais são, às vezes, verdadeiras linhas. Cor, linha, canto. É a arte em estado puro (Deleuze, 2001, “A” de Animal).

A restrição do mundo de um animal não é algo que o inferiorize ou o torne superior, isso graças à perspectiva imanente deleuziana, que se distancia da lógica hierárquica e tem consequências éticas. Deleuze pensa, junto a Spinoza, numa ontologia da imanência, que pressupõe, necessariamente, um só plano de

composição da Natureza, uma mesma esfera ontológica que abriga os três reinos, os quais são partes de uma única e mesma substância; afinal, «o ser se diz no mesmo sentido de tudo aquilo que é, finito ou infinito, ainda que não seja sob a mesma modalidade»⁷ (Deleuze, 2017, p. 66).

Esse plano de composição permite a Deleuze definir «um animal, ou um homem, não por sua forma ou por seus órgãos e suas funções, e tampouco como sujeito: nós o definiremos pelos afetos» (2002, p. 129), por sua capacidade de afetar e ser afetado. Eis explícito o encontro entre ética e etologia. Um exemplo que expressa essa capacidade como constituinte de modos de vida diversos que dependem mais dos afetos do que da espécie, dos gêneros, dos órgãos, das formas e funções, é o da comparação entre um cavalo de corrida, um cavalo de tração e um boi: embora ambos sejam do gênero *Equus*, os dois tipos de cavalos não possuem os mesmos afetos nem o mesmo poder de ser afetado, o que os distancia em termos de modo de vida e aproxima o cavalo de tração ao boi, de gênero *Bos*, pelos afetos comuns que compartilham.

A perspectiva ética que define um modo de vida pelos afetos possibilita relacionar também homens e animais nas maneiras de viver: um animal é definido, por Deleuze, como «um ser, fundamentalmente, à espreita» (2001, “A” de animal»), pois nunca está tranquilo. Por extensão, pode-se pressupor que o mesmo se dá com o escritor e o filósofo, dois seres que estão alertas aos signos que os afetam, tal como o carrapato ou um caçador. Essa relação só é possível a Deleuze porque ele considera a «inumanidade própria ao corpo humano, e ao espírito humano», pois concebe que há relações inumanas do homem, animais mesmo, com o animal. As crianças, ainda não tão subjetivadas, não «humanizadas», digamos, são muito mais capazes disso, mesmo com seus animais domésticos, assim como escritores de literatura que levam a linguagem ao limite que separa o pensamento do não pensamento, o homem do animal.

Esse desenvolvimento etológico deleuziano, que põe em relação o homem e o animal, não se dá na perspectiva de um «plano teológico organizado segundo

⁷ Aí está implicada a ideia da univocidade do ser, que é base de toda a filosofia de Deleuze, uma vez que, para ele, o ser se diz em uma única voz, a voz da diferença (1988).

uma dimensão que vem de cima e diz respeito à transcendência», mas na perspectiva de um plano de imanência no qual não há uma «dimensão suplementar» (2002, p. 133). Não há superioridade nem profundidade, somente superfície; nada oculto, nenhum Deus, nenhum Mestre, Sujeito ou Homem, nenhuma Forma ou Plano que oriente e organize, de cima, o devir do mundo. O que há, unicamente, são «estados afetivos individuantes e força anônima» (Deleuze, 2001, «A' de animal»). Enfim, pode-se afirmar que a etologia de Uexküll fortaleceu a perspectiva anti-humanista da filosofia de Deleuze, no sentido de que a composição de um mundo humano leve em conta, também, uma captura homem-animal, um tipo de simbiose em que o animal passa a ser uma peça do agenciamento. Não se trata, pois, de pensar os modos de vida e as maneiras de viver a partir do que se costuma chamar de natureza humana, de critérios pre-existentes desde sempre, mas de agenciamentos coletivos produzidos por relações de forças humanas e inumanas.

REFERÊNCIAS

- Aranguren, José Luis Lopéz. (1986). *Ética*. Madrid (Espanha): Alianza Editorial.
- Buchanan, Brett. (2008). *Onto-ethologies: the animal environments of Uexküll, Heidegger, Merleau-Ponty, and Deleuze*, Suny Press.
- Deleuze, Gilles. (1988). *Diferença e repetição*. Tradução: Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal.
- (2001). *O abecedário de Gilles Deleuze*. Vídeo. Editado no Brasil pelo Ministério de Educação, “TV Escola”.
- (2002). *Espinosa: Filosofia prática*. Tradução: Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta.
- (2017). *Espinosa e o problema da expressão*. Tradução: GT Deleuze 12. Coordenação de Luiz Orlandi. São Paulo: Editora 34.
- Heidegger, Martin. (2005). *Carta sobre o humanismo*. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro.
- (2003). *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão*. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Uexküll, Jakob von. (1982). *Dos animais e dos Homens*. Tradução: Alberto Candeias e Aníbal Garcia Pereira. Lisboa, Edição “Livros do Brasil – Lisboa”.

Uexküll, T. V. (2004). A teoria da *Umwelt* de Jakob von Uexküll. *Galáxia: revista transdisciplinar de comunicação, semiótica e cultura*, n. 7, p. 19-48. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000229&pid=S0103-6513201000010000200041&lng=en. Acesso em: 14 maio 2020.